

O professor facilitador da segunda década do século XXI: Reflexões acerca da teoria humanista de Carl Rogers

The teacher facilitator of the second decade of the 21st century: Reflections on Carl Rogers' humanist theory

El docente facilitador de la segunda década del siglo XXI: Reflexiones sobre la teoría de Carl Rogers

Recebido: 27/11/2024 | Revisado: 02/12/2024 | Aceitado: 03/12/2024 | Publicado: 06/12/2024

Thayse Ramos Cardoso Pinto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2189-4002>

Universidade de Uberaba, Brasil

E-mail: thaysepinto@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da teoria humanista do professor facilitador estruturado pelo psicólogo norte-americano Carl Rogers. Nas tratativas, buscou-se compreender o professor como ser singular e, ao mesmo tempo plural, no âmbito de um novo profissionalismo docente que vive e desenvolve na contemporaneidade compreendida entre os últimos anos do século XX e os anos iniciais do século XXI. Para análise e discussão foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa a partir de autores que debatem a teoria humanista e trazem concepções da abordagem rogeriana ao conceito de professor facilitador: Mizukami, Rossi e Moreira. A concepção humanista para a educação foi embasada em Puente, Zimring, Goulart, Castaman e Tommasini. Em todo o texto os apontamentos conceituais de Carl Rogers permearam as análises. Como instrumentos de reflexão teórica levou-se a discussão alguns aspectos da perspectiva rogeriana para a educação. Nos resultados foram destacados a partir da tríade rogeriana os três elementos básicos para a construção de uma eficiente, empática e autêntica relação entre professor e aluno para o alcance da aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Teoria humanista; Carl Rogers; Professor facilitador; Novo profissionalismo; Ensino.

Abstract

This article aims to reflect on the role of the humanist theory of the facilitator teacher structured by the North American psychologist Carl Rogers. In the discussions, we sought to understand the teacher as a singular being and, at the same time, a plural being, within the scope of a new professionalism that he lives and develops in contemporary times between the last years of the 20th century and the beginning of the 21st century. For analysis and discussion, qualitative bibliographic research was carried out by authors that debate the humanist theory and bring concepts to the Rogerian approach to the teacher facilitator concept: Mizukami, Rossi, and Moreira. The humanist conception of education was based on Puente, Zimring, Goulart, Castaman, and Tommasini. Throughout the text, the conceptual understanding of Carl Rogers permeated the analyses. In the reflection, some aspects of Rogers' perspective on education were discussed. The results highlighted the three basic elements for building an efficient, empathetic, and authentic relationship between teacher and student to achieve meaningful learning based on the Rogerian triad.

Keywords: Humanist theory; Carl Rogers; Facilitator teacher; New professionalism; Teaching.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el papel de la teoría humanista del docente facilitador estructurada por el psicólogo norteamericano Carl Rogers. En los debates se buscó comprender al docente como un ser singular y, al mismo tiempo, plural, en el ámbito de una nueva profesionalidad que vive y desarrolla en la época contemporánea entre los últimos años del siglo XX y los principios del siglo XXI. Para el análisis y discusión, se realizó una investigación bibliográfica cualitativa utilizando autores que discuten la teoría humanista y acercan del enfoque rogeriano al concepto de docente facilitador: Mizukami, Rossi e Moreira. La concepción humanista de la educación se basó en: Puente, Zimring, Goulart e Castaman e Tommasini. A lo largo del texto, las notas conceptuales de Carl Rogers permearon los análisis. Como instrumentos de reflexión teórica, se discutieron algunos aspectos de la perspectiva rogeriana para la educación.

Los resultados resaltaron los tres elementos básicos para construir una relación eficiente, empática y auténtica entre docente y alumno para lograr un aprendizaje significativo en la tríada rogeriana.

Palabras clave: Teoría humanista; Carl Rogers; Docente facilitador; Nueva profesionalidad; Enseñanza.

1. Introdução

Neste artigo abordar-se a importância da concepção humanista do professor facilitador de Carl Rogers (1972-1987), fazendo um balanço com as múltiplas atribuições – algumas emergentes e outras expandidas do professor facilitador contemporâneo. Por sua própria natureza, a educação é um fenômeno que não se concebe de forma única e sequer em um único aspecto. Portanto, cabe a análise de tempos e espaços diversos no percurso docente inerente ao ato de ensinar, de acompanhar e de desenvolver a educação.

O professor, especialmente no período que compreende os últimos anos do século XX e os anos iniciais do século XXI vive e desenvolve um novo profissionalismo docente. Esse conceito pode ser esclarecido a partir das múltiplas demandas que o sistema de ensino atribui ao professor contemporâneo, que ultrapassam aquelas do cotidiano escolar, dado que para continuar como docente e para permanecer atualizado, ele precisa desenvolver pesquisas, participar de projetos de extensão e manter-se em contínuo processo de formação continuada e desenvolvimento profissional.

Esse docente é demandado de mais e mais, a dominar a tecnologia, a exercer funções sociais quando trata na escola de questões de inclusão social, de abandono de escolarização, de envolvimento com as necessidades e emoções humanas de seus alunos, a fim de resolver as mazelas do sistema com a educação que não disponibiliza profissionais especializados para lidar na escola com as situações elencadas. Esses excessos de atribuições impostos ao professor têm trazido à vida docente várias consequências adversas, entre elas, a perda de motivação e “a exposição aos riscos de adoecimento [...]” (Oliveira, 2020 p. 35). Infelizmente, problemas de saúde no trabalho docente estão em crescimento, ficando evidente que quando ela é negligenciada, pode ocorrer o adoecimento, a perda de produtividade, a alta rotatividade e o absentismo (Ferreira 2014; Oliveira 2020).

Em um primeiro aspecto, trata-se de difundir as novas atribuições, os novos padrões de trabalho, bem como de aprofundar as novas exigências profissionais impostas aos professores. Assim, importa refletir, acerca dos desafios do professor na atualidade, sobre a sua ação profissional de facilitador do processo de ensino-aprendizado que não se resume apenas em transmitir os conteúdos para os alunos, mas é esperado que esse docente realize atividades ampliadas para além da sala de aula que se misturam à sua vida e conseqüentemente, à motivação que leva para o trabalho.

A teoria rogeriana baseia-se no processo de ensino-aprendizagem centrado no aluno, e nesse contexto, o professor é o facilitador. Em outro aspecto, o professor no entendimento rogeriano “[...] tem a habilidade de compreender as reações íntimas do aluno, quando tem a percepção sensível do modo como o aluno vê o processo de educação e de aprendizagem, então, cresce a probabilidade de aprendizagem significativa” Rogers (1978, p. 111-112). Todavia, é válido destacar que esse professor é também o responsável pela condução sensível do processo de ensino-aprendizagem, de forma significativa para o aluno e, que precisa ser capaz de mediar a aprendizagem. Entretanto, esse processo de mediação, depende de um professor motivado para o trabalho. Importa os sentimentos, as vivências e nesse pressuposto, a motivação, que esse professor leva para a sala de aula – que o impulsionam para o seu desempenho profissional.

Diante desse quadro, Carl Rogers defende como essencial no processo educacional, considerar os sentimentos, as atitudes, a afetividade e a criatividade dos alunos na escola. O professor, como explica Moreira (2016, p. 55) embasado em Rogers é o facilitador do processo de ensino-aprendizagem, o qual precisa estabelecer uma relação com os alunos diferente do ensino tradicional. Ante essa premissa, o professor deixa a posição central daquele que transmite o conhecimento e passa a uma posição

dialética, que viabiliza através de uma conexão afetiva, o desenvolvimento da autoconfiança nos alunos para o aprendizado. Em linhas gerais, perpassa o estabelecido para as suas atribuições e envolve-se em uma conexão intrínseca com os educandos na direção de contribuir com uma aprendizagem significativa no processo educacional.

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da teoria humanista do professor facilitador estruturado pelo psicólogo norte-americano Carl Rogers. No texto, primeiramente analisa-se a educação na perspectiva humanista de Rogers. Em seguida, faz-se a análise dos princípios básicos da teoria de Carl Rogers para o ensino-aprendizado e, no mesmo contexto, trata-se alguns delineamentos do novo profissionalismo que executa o professor. Posteriormente, faz-se um balanço com a teoria humanista, dedicando-se à reflexão acerca do conceito de professor facilitador contemporâneo e, nessa perspectiva, investe-se na formação de justificativas acerca do constructo.

2. Caminhos Metodológicos

Para realização deste artigo, optou-se, metodologicamente pela construção bibliográfica, ancorada em uma abordagem qualitativa (Pereira et al., 2018), baseando-se em autores que dialogam com a teoria humanista de Carl Rogers e com as discussões acerca da profissão e do trabalho docente do professor contemporâneo. A preocupação com a docência e com trabalho que desenvolve o professor em sala de aula tem sido ao longo dos anos, questão relevante para a sociedade como um todo, que anseia uma educação de qualidade para a melhoria do país.

O ponto de partida para a compreensão dessa realidade é a mensagem transmitida em pesquisas, rodas de conversas, entrevistas que apresentam as condições contextuais que envolvem a evolução histórica da profissão docente. Nesse sentido, optou-se pela pesquisa qualitativa para o desenvolvimento deste artigo, pois, por meio dela é possível compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto a: “valores culturais e representações sobre sua história e temas específicos; relações entre indivíduos, instituições e movimentos sociais; processos históricos, sociais e de implementação de políticas públicas e sociais” (Minayo, 2014, p. 23). A escolha por esse procedimento metodológico se apoia na autora quando sustenta que a pesquisa qualitativa é entendida como “[...] aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas” (2014, p. 22-23).

Para análise e discussão, os textos selecionados pautam-se em materiais físicos e eletrônicos já elaborados, como livros e artigos científicos de autores que discutem a teoria humanista e trazem concepções da abordagem rogeriana, principalmente para a educação em: Mizukami (1992), Rossi (2019) e, Moreira (2011). A concepção humanista para a educação foi também exposta com embasamento em: Puente (1978); Zimring (2010), Goulart (1999-2015) e Castaman & Tommasini (2020). Para tanto, estabelece-se um diálogo com o psicólogo humanista tratado como eixo central das reflexões – Carl Rogers (1972- 1987).

As discussões teóricas acerca da profissão e do trabalho docente estão embasadas nos teóricos: Oliveira (2018-2020) e Araújo, Pinho & Masson (2019) que trouxeram fundamentação, detalhamentos e operacionalização para desenvolvimento do artigo. Já as contribuições acerca do processo e das abordagens do ensino-aprendizado em Mizukami (1992) e Rezende (2020). Nessa investidura, promovem-se discussões e esclarecimentos conceituais acerca da temática do novo profissionalismo que exerce o professor da segunda década do século XXI.

3. A Educação na Perspectiva Humanista de Carl Rogers

Carl Ransom Rogers (1902-1987) nasceu em 8 de janeiro de 1902, em Oak Park, cidade situada nas proximidades circunvizinhas de Chicago, Illinois, nos Estados Unidos. Faleceu no dia 4 de fevereiro de 1987, no mesmo país de nascença. Antes de despertar o interesse pela Psicologia e pela Psiquiatria, vivenciou o movimento docente, ao graduar-se em História e Teologia. Assim, suas contribuições para a educação, poderão ser elencadas a partir das experiências do autor, também nas licenciaturas. Rogers é considerado um representante da psicologia e da corrente humanista em educação.

A teoria rogeriana é uma abordagem centrada na pessoa (ACP) que compreende o ato de aprender como individual, peculiar e singular, diferente para cada sujeito. A ACP enfatiza uma perspectiva do ensino centrado no aluno, em suas perspectivas de composição e coordenação como ser integrante e atuante do processo educativo.

Para Rezende (2020, p. 30) não se trata apenas de uma teoria, mas diz respeito a aspectos ligados à interioridade humana e às inter-relações. Já Puente (1978, p. 91-92) define o ensino centrado no estudante como “aquele conjunto de atividades escolares que insistem não no ensino do professor, mas na aprendizagem do aluno, para a qual converge toda a ação do professor, através de determinadas atitudes facilitadoras da aprendizagem”. Assim sendo, no contexto da avaliação da aprendizagem, o professor deve valorizar, sobretudo, as atitudes nos processos de experiências do cotidiano da sala de aula.

Decorrente das proposições rogerianas sobre o homem e sobre a educação, destacam-se as palavras do autor sobre o assunto: “o único homem que se educa é aquele que aprendeu como aprender; que aprendeu como se adaptar e mudar; que se capacitou de que nenhum conhecimento é seguro, que nenhum processo de buscar conhecimento oferece uma base segura” (Rogers, 1972, p.104-105). Em Rogers (1972), cada ser possui papel central no seu processo de aprendizagem, em um contexto de conhecimento que é dinâmico e inacabado. O fato é que a educação mudou ao longo dos tempos e o professor facilitador foi demandado a acompanhar as evoluções da ciência e das tecnologias para não ficar aquém do tempo. Novas demandas passaram a compor a vida docente. Hoje a estrutura das famílias já não é mais a mesma, as mães já não se ocupam somente da casa, trabalham para auxiliar com o sustento do lar.

Condições contextuais que envolvem a evolução da humanidade recaem sobre o professor análises que, por vezes a família já não consegue fazer sem auxílio. Na sala de aula, a criança adoce e precisa de cuidados, denuncia situações vividas de maus tratos e descuidos que precisam ser encaminhados aos órgãos competentes. E, em todo esse contexto, situa-se o professor, que atende aos alunos e os ampara, que elabora relatórios descritivos e providência os devidos encaminhamentos. Esse professor passa a exercer funções de cuidado, de assistência social, de segurança pública, de saúde, de gestão – tempo, recursos e delineamentos.

Como um fenômeno processual e humano, a atuação docente é o resultado das interferências sociais, políticas, culturais que compõem o professor, ao mesmo tempo em que unem a dimensão pessoal com a profissional, no chão da sala de aula. Com esse entendimento, cabe refletir acerca da subjetividade do professor, para os aspectos que o movem diariamente o ser o facilitador destacado na teoria humanista para educação e, em um cunho de abordagem mais específica deste texto, ao rogerianismo.

Para Rogers, que foi o fundador do modelo de terapia não diretiva, a tarefa do professor é facilitar o caminho para que o aluno aprenda o que quiser. Entretanto, para que esse relacionamento facilitador ocorra, é preciso que seja estabelecido um comportamento de escuta ativa e de compreensão empática entre professor e aluno. Segundo o autor, e, nessa mesma linha de interpretação, a aprendizagem precisa ser autêntica e verdadeira, voltada para o intrínseco do aluno e não somente o cognitivo. Segundo Rogers (1959, p. 232-233): “[...] não pode ocorrer a verdadeira aprendizagem a não ser à medida que o aluno trabalhe sobre problemas que são reais para ele; tal aprendizagem não pode ser facilitada se quem ensina não for autêntico e sincero”.

Assim, na teoria rogeriana, a aprendizagem ocorre, por meio de atitudes positivas na relação pessoal que se estabelece entre o facilitador (professor) e aquele que aprende (aluno). Diante do exposto, o professor constitui-se como aquele que encoraja o aluno no protagonismo da sua própria aprendizagem. Por sua vez, o aluno aquele que se autodirige e autoapropria da aprendizagem de acordo com as apropriações que absorve das experiências escolares em sua liberdade de escolhas.

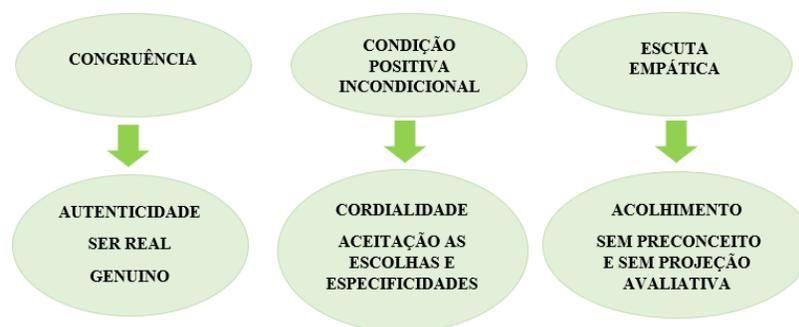
Veja esse alinhamento nos princípios básicos do ensino-aprendizado.

4. A Atuação do Professor Facilitador na Teoria de Carl Rogers

Na abordagem rogeriana, o ensino-aprendizado é centrado no aluno e, portanto, os objetivos do processo de ensino devem ser selecionados a partir dos interesses evidenciados por ele em uma aprendizagem significativa. Nessa conjuntura, o professor facilitador precisa valorizar os conhecimentos prévios e as vivências do aluno, bem como suas habilidades de operar como ser integrado ao espaço escolar.

Rogers (1972-1987) compreendeu três princípios básicos para que a relação professor e aluno ocorra de forma significativa: a congruência, a condição positiva incondicional e a escuta empática. Esses três elementos por questões didáticas, costumam ser apresentados separadamente, entretanto, se unem e são sociáveis na sua aplicabilidade no contexto educacional. Ilustra-se a exposição da tríade rogeriana na Figura 1.

Figura 1 - Três elementos da Tríade Rogeriana na relação professor e aluno.



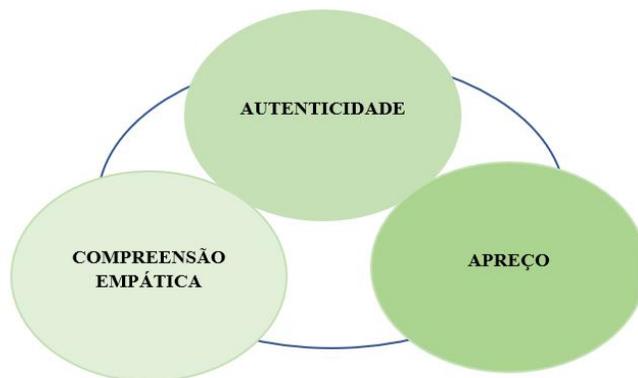
Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

A Figura 1 ilustra os três elementos da tríade que Carl Rogers destacou como básicos para a construção de uma eficiente relação interpessoal, tanto na terapia, quanto na educação: a congruência que trata da autenticidade, do ser real, genuíno; a condição positiva incondicional, que aborda a aceitação às escolhas e especificidades da relação professor e aluno e a escuta empática, o acolhimento sem preconceitos ou projeção avaliativa.

Em outros termos, mas em consonância com a Figura 1, elaborou-se a Figura 2, que expõe a versão da tríade rogeriana por Mizukami (1992). Para a autora há três qualidades do professor enquanto facilitador da aprendizagem na teoria rogeriana: a autenticidade (ser genuíno), a compreensão empática (compreensão da conduta do outro a partir do referencial da pessoa) e o apreço (aceitação e confiança em relação ao aluno).

Passa-se a ilustrá-las:

Figura 2 - Tríade rogeriana do professor facilitador em Mizukami (1992).



Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

Ao analisar os três aspectos dessa tríade exposta na Figura 2, a autenticidade é o primeiro elemento, expresso por meio do caráter verdadeiro do professor: o não fingir e não levar alguém a fazê-lo. A compreensão empática é o exercício de colocar-se no lugar do outro, com respeito ao tempo, espaço, concepções e saberes. Já o apreço, é o exercício da confiança, passa por acreditar na capacidade do aluno, a partir das entregas que é capaz de realizar.

Para trazer a interpretação de Rogers ao primeiro elemento – autenticidade, ele expressou, como o ser real, genuíno pelo princípio da congruência de sua abordagem. De acordo com Rogers (1985, p. 9):

Em minhas relações com as pessoas, descobri que, a longo prazo, não ajuda agir como se eu fosse alguma coisa que não sou. Não ajuda agir com calma e simpatia quando, na verdade, estou irritado e crítico. Não ajuda agir como se eu fosse permissivo quando estou sentido que gostaria de impor limites. Não ajuda agir como se fosse receptivo a outra pessoa quando, por baixo dessa aparência exterior, sinto rejeição.

Em linhas gerais, a relação professor e aluno não acontece ou se situa apenas com os processos instrucionais estabelecidos, mas ocorre, em um contexto humanista na relação interpessoal, quando caminham juntos para o aprendizado significativo. Segundo Rogers “há professores que inspiram em seus alunos um amor pela aprendizagem que dura a vida inteira” (Rogers, 1985, p.27). Nesse conceito, o professor facilitador ao mostrar-se como ele é, sem receios, estimula o aluno a ser também autêntico, a revelar-se, contribuindo para que se posicione de forma mais livre e, conseqüentemente mais eficaz para a aprendizagem.

No segundo elemento – compreensão empática, a concepção rogeriana esclarece que “significa que o terapeuta sente precisamente os sentimentos e os significados pessoais que estão sendo vivenciados pela cliente e lhe comunica esta compreensão” (Rogers, 1978, p.21). O terapeuta pode ser substituído pelo professor que segundo Rogers (1985) no contexto escolar. Acontece quando o professor se coloca em uma posição que propõe a compreensão das reações manifestas pelo aluno. Trata-se de “uma compreensão em relação à pessoa e não em relação ao assunto” Zimring (2010, p.14). É o exercício de colocar-se no lugar do aluno com respeito e aceitação ao que o aluno leva para a sala de aula: suas experiências, seus valores e sua história.

Ante ao exposto, no exercício da compreensão empática, o professor facilitador da aprendizagem, é aquele que se importa com os alunos, com as suas vivências, com as suas concepções e acima de tudo, é aquele que acredita no potencial de aprendizagem do aluno, que muito tem a contribuir em prol do seu processo de ensino-aprendizado. Incorporando Rogers (1985,

p.36) a discussão, o professor deixa ser “um mestre e um avaliador” e passa a ocupar o lugar de “um facilitador de aprendizagem – ocupação muito diferente”.

Para somar a essa ideia de professor facilitador, traz-se a compreensão de Puente (1978, p. 10-11) para a discursiva, quando esclarece que a atitude facilitadora do professor, deve ser também uma atitude empática, de ajuda, de forma que: “[...] não seja fria nem super envolvente, mas como para uma pessoa independente, possibilitando-se o estabelecimento de uma atmosfera de segurança para o aluno, onde não existem limites ou condições de aceitação por parte do professor”.

Essa concepção de professor facilitador e aluno potencial na teoria rogeriana e no entendimento de Puente (1978) e Zimring (2010), ora expostas, abordam a teoria humanista para a educação, que visa o desenvolvimento integral dos alunos. Marques (1980, p. 92) comunga com essa ideia ao compreender que Rogers pontua “o relacionamento interpessoal como um todo. A qualidade do encontro do professor com o aluno”.

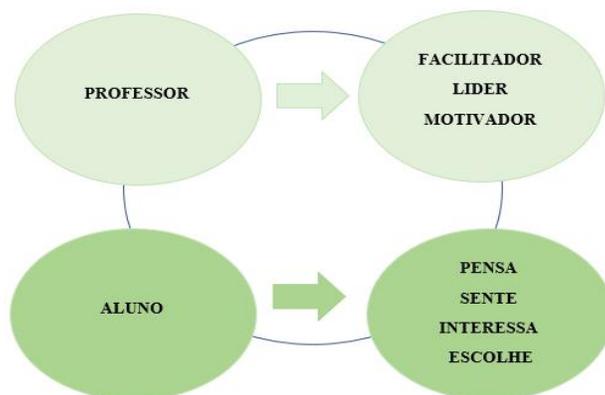
Agora, esclarece-se o terceiro e último elemento da imagem – o apreço – que expõe o modelo do professor facilitador na teoria rogeriana, a partir das premissas elencadas por Mizukami (1992). Inicia-se a discussão sobre o apreço, trazendo as palavras do próprio Rogers sobre o assunto.

Para Rogers (1985, p. 130): “[...] apreciar o estudante, apreciar os seus sentimentos, as suas opiniões, a sua pessoa. [...] que tem valor por si mesma. É uma confiança básica – a crença de que essa outra pessoa é, de algum modo, fundamentalmente digna de confiança”. Na abordagem rogeriana há uma tendência liberal renovada não diretiva pautada nas relações humanas, na qual o professor cria um ambiente facilitador para o aluno se desenvolver. Diante do exposto, o aspecto que se faz destaque no elemento apreço, tange à confiança básica na relação professor e aluno, sendo antes de qualquer coisa o “valor” como sinaliza Rogers (1985) da pessoa no aluno. Para Goulart (2015, p. 96), “é a convicção de que a outra pessoa (o aluno) é fundamentalmente merecedora de crédito; é designada também como apreço ou aceitação”. Trata-se do estabelecimento de uma relação de confiança, na qual importa a visão positiva do homem, em sua liberdade de escolhas com potencialidade e criatividade.

Conforme enfatiza Rezende (2020, p.40), estamos vivenciando atualmente como os jovens estão carentes de segurança, principalmente, sobre o valor que possuem de si mesmos. Antes ao exposto a autora nos sinaliza que “conforme relata Rogers, o facilitador, a partir de uma postura de aceitação, de confiança, estabelece um clima de segurança para que a aprendizagem significativa se concretize”. Comunga-se com a autora, pois, a educação é um processo interno, não externo. Parte das necessidades e interesses dos alunos, assim, todo esforço da relação professor e aluno deve estar no rogerianismo em estabelecer um clima favorável para que ocorra uma mudança dentro do aluno, de confiança, de segurança, de liberdade de fala e expressão.

Ante o exposto, trazem-se na Figura 3 alguns pontos destacados na análise da visão humanista no contexto da relação professor e aluno.

Figura 3 - Visão humanista da relação professor e aluno.



Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

Analisando a Figura 3, o professor é afirmado como o facilitador, posição firmemente defendida na concepção humanista para a aprendizagem significativa. Aquele que é líder nas situações da sala de aula em um contexto autêntico, empático e de confiança. É também o ser que motiva e acredita nas potencialidades dos alunos. Já o aluno, é aquele que pensa, sente, interessa e escolhe. O pensar com um sentido reflexivo no processo de aprendizagem e nas propostas escolares; o sentir como aquele que leva para escola emoções para além daquelas que já ocorrem no cotidiano da escola; o que interessa e se engaja nas atividades; o que se envolve no ensino-aprendizado e, finalmente o escolhe, sendo a seleção do aluno – centro das práticas educativas.

Na relação professor e aluno na teoria humanista para Mizukami (1992, p. 53): “o aluno deve responsabilizar-se pelos objetivos referentes à aprendizagem, que tem significado para ele, e que, portanto, são os mais importantes”. Para a autora, o aluno é um ser que autodesenvolve, assumindo o professor a função de facilitador. Assim, cabe ao professor a mediação do processo de ensino-aprendizagem a partir dos interesses do aluno e do significado que atribui à aprendizagem.

Conforme Rezende (2020, p.42), a relação professor e aluno precisa acontecer “um ambiente isento de ameaça proporciona ao aluno uma liberdade, assim como uma maior abertura para a aprendizagem” (Rezende, 2020, p.42). Um espaço antes de tudo, humano, acolhedor que favoreça a construção de um clima propício para que a aprendizagem ocorra. E, permeando esse processo, a atuação do professor facilitador expressa por meio do caráter verdadeiro do ensinar – através de práticas educativas que consideram as contribuições do aluno no processo de ensinar.

Nesta esteira, chama-se atenção para a capacidade de atuação e inter e multidisciplinar que cabe ao professor facilitador para que essa intenção de aprendizagem ocorra. Cabe ao professor contemporâneo desenvolver um novo profissionalismo docente que demanda uma atuação ampliada para muito além da sala de aula. Encaminha-se essa discussão na próxima sessão.

5. O Professor Facilitador Ante as Demandas do Novo Profissionalismo

O professor possui uma identidade e uma formação, que se traduz como resultado de seu comportamento nas interações com o meio, permeada por opções, saberes, conflitos, desejos, possibilidades e das concordâncias sociais na prática cultural, econômica e social da vida. Com esse entendimento, cabe refletir acerca da subjetividade do professor, para os aspectos que o movem diariamente o ser o facilitador destacado na teoria humanista para educação no âmbito de um novo profissionalismo docente – que faz parte da vida docente contemporânea.

No contexto da modernização das profissões por meio do novo profissionalismo há influência “nas condições objetivas do exercício profissional em educação” (Oliveira, 2018, p. 51). Cabe destacar que nesse contexto do novo profissionalismo, o professor alinha a sua atuação profissional na sala de aula com os valores que os alunos trazem para escola, pois precisa compreender as especificidades e o sentido de comunidade dos diversos sujeitos presentes na sala de aula em um contexto intra e extraescolar no respeito a subjetividade de cada um.

Para o alcance da formação de alunos com esse olhar contemplativo, capaz de alcançar uma aprendizagem significativa, não é suficiente que o profissional docente saiba meramente, o conteúdo da disciplina que fundamenta a sua formação pedagógica. Para que os sujeitos de aprendizagem sejam capazes de ler o mundo sob uma ótica crítica e reflexiva para o exercício da vida em sociedade, para além de lecionar e facilitar o processo de ensino-aprendizagem, não é suficiente uma formação conteudista, pois, o professor precisa de uma atuação que interaja com outras áreas do conhecimento, incorporando um conjunto de atitudes positivas e favoráveis à aprendizagem significativa.

Aqui se representa o novo profissionalismo que exige do professor planejar e praticar atribuições que se dão muito além da sala de aula. Por esse motivo, “o trabalho docente é reconhecido como ocupação altamente estressante, com repercussões na saúde física e mental e no desempenho profissional” (Araújo, Pinho & Masson, 2019, p.6). Todavia, para o alcance do ensino-aprendizado no aluno, o professor conforme esclarecem Castaman & Tommasini (2020, p.13) tem um papel essencial, sendo o facilitador da aprendizagem significativa. Nesse caminho, os resultados positivos alcançados pelos alunos traduzem o esforço, o empenho, o grau de responsabilidade que esse professor tem em relação aos alunos, a escola e sociedade como um todo.

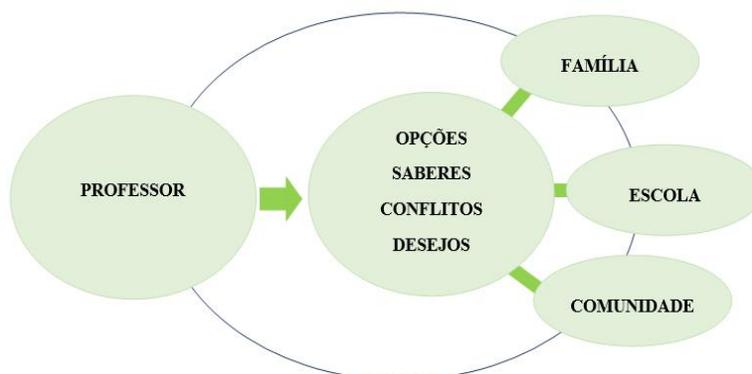
Segundo Rogers (1987, p.5), o professor facilitador foi definido como:

[...] uma pessoa, ou grupo de pessoas que, por sua forma de ser ou agir, favorece a outros a possibilidade de entrar em maior contato com suas próprias vivências ou de expressá-las. Por assim se caracterizar sua função, o termo é preferido aos de terapeuta, coordenador, monitor ou líder, mesmo quando se aplica a profissionais especializados.

Entretanto, o tempo histórico mudou, e com ele as demandas do professor. Na atualidade, o grau de comprometimento, de competência para ensinar está mais carregado de componentes afetivos, valorativos, subjetivos e históricos que mudaram ao longo dos anos. No período em que se situa este artigo – o professor conduz um novo tempo na educação – um novo profissionalismo docente que cresce em significado e exige maior envolvimento e entrega ao trabalho do professor com as suas atribuições profissionais.

Para ilustrar esse conceito, expõe-se em um contexto de imagem o professor facilitador contemporâneo (Figura 4).

Figura 4 – O professor facilitador ante as demandas do novo profissionalismo.



Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

A Figura 4 demonstra o professor facilitador no contexto do novo profissionalismo que executa na contemporaneidade. Para o desenvolvimento desse novo contexto de sua atuação integrada junto à sua prática profissional: opções, saberes, conflitos e desejos dos diferentes grupos que integram o processo de ensino-aprendizado na sala de aula (família, escola e comunidade). Assim, todas as vivências ao longo da vida, possuem relação com o desenvolvimento do seu trabalho. Por esses motivos, importa compreender que a profissão docente ultrapassa a função de lecionar, pois passa a realizar atividades para além da incumbência das atribuições de sua função. Isso porque “[...] a facilitação da aprendizagem ocorre, de acordo com Rogers (1973), por meio de atitudes positivas na relação pessoal que se estabelece entre aquele que facilita a aprendizagem e aquele que aprende” (Castaman & Tommasini, 2020, p.5).

No contexto do professor facilitador elencado na Figura 2 deste artigo, vale destacar também a compreensão empática daquele que é o fio condutor do processo de ensino-aprendizado – que facilita diariamente a realização dessa proposta educativa. Exemplifica-se esse argumento na Figura 5, seguinte.

Figura 5 - Professor facilitador – fio condutor do processo de ensino-aprendizagem.



Fonte: Elaborado pela Autora (2024).

A Figura 4 ilustra a função do professor no contexto da escola, como o condutor da porta que se abre para o aprendizado dos alunos. Para favorecer aos alunos a possibilidade de entrar em contato com suas experiências e assumirem a posição de centro do contexto educativo, conforme sinaliza Rogers (1987, p.5). Para que essa proposta aconteça, o professor assume a condução do processo: liderando, motivando e incentivando os alunos.

Por um lado, importa compreender o impacto direto que essa responsabilização desmedida do novo profissionalismo pode ter na saúde mental e no bem-estar, no equilíbrio entre o trabalho e vida pessoal, no desempenho profissional do professor contemporâneo. Por outro lado, considerando as múltiplas demandas que desenvolve esse professor, é preciso pensar que ele nem sempre é devidamente cuidado, o que pode ocasionar o seu adoecimento e a perda de melhores chances de aprendizado para os alunos, o que pode ocasionar perdas nos resultados da educação de qualidade que se espera alcançar.

6. Considerações

Para este artigo, tratou-se das contribuições de Rogers para a educação, fazendo uma interrelação com o novo profissionalismo que vive e desenvolve o professor nas duas primeiras décadas do século XXI. Assim sendo, na tentativa de relacionar as características do professor facilitador da abordagem humanista de Carl Rogers, buscaram-se fundamentos que tecem o conceito e discutem o processo de ensino-aprendizado no chão da sala de aula.

A partir das contribuições da concepção humanista para a educação, especialmente do rogerianismo, houve a compreensão que Carl Rogers com seus pensamentos humanísticos da personalidade contribuiu de forma significativa para uma visão mais voltada para a autonomia do aluno, as suas vivências e os conhecimentos prévios que leva para a escola. Do mesmo modo, da capacidade do aluno de operar como ser integrado ao espaço escolar. Também foi valorizada a maneira que o ensino-aprendizado se desenvolve – centrado nas relações e nas interações entre professor e aluno.

Em Mizukami (1992), pontuaram-se as três qualidades do modelo de professor facilitador na teoria rogeriana: autenticidade, compreensão empática e o apreço. Na relação professor e aluno foram destacados a partir da tríade rogeriana os três elementos básicos para a construção de uma eficiente, empática e autêntica aprendizagem. Nessa direção, a escola é o espaço de acolhimento – sem preconceitos das experiências que o aluno leva para a sala de aula.

Cabe ressaltar que, este estudo corrobora com aspectos da teoria humanista de Carl Rogers, em especial, ao considerar que os alunos aprendem melhor quando motivados por professores facilitadores. Entretanto, deixa indagações sobre os fatores que sustentam a permanência dos professores na profissão docente frente às exigências do novo profissionalismo que demanda dos professores ações muito além do previsto para o exercício de suas atividades profissionais.

Para não concluir, reforça-se a necessidade de se intensificar o debate crítico sobre os rumos do trabalho docente contemporâneo, a fim de combater as incoerências do próprio sistema de ensino. Encontrar solução para esses problemas é importante desafio e, seu enfrentamento exige a aplicação urgente de políticas públicas e discussões que permeiem o cenário da construção de uma profissão no lugar social de destaque que ela merece ocupar.

Referências

- Araújo, T. M., Pinho, P. S. & Masson, M. L. V. (2019). Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. *Cadernos de Saúde Pública*, 35, 1-14. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00087318>. <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/747/trabalho-e-sade-de-professoras-e-professores-no-brasil-reflexes-sobre-trajetrias-das-investigacoes-avancos-e-desafios>.
- Castaman, A. S. & Tomamasini, A. (2020). Abordagem humanista: considerações sobre uma escola de ensino fundamental. *Revista Cocar*, 14(30), 1-17. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3481>.

- Ferreira, L. G. (2014). *Professores da zona rural em início de carreira: narrativas de si e desenvolvimento profissional*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2349>.
- Goulart, Í. B. (1999). *Psicologia da Educação*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.
- Goulart, Í. B. (2015). *Psicologia da educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica*. (21. ed.). Ed. Vozes.
- Marques, J. (. *Psicologia Educacional: contribuições e desafios*. Ed. Globo, 1980.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Ed. Hucitec.
- Mizukami, M.G.N. (1992). *Ensino: as abordagens do processo*. Ed. E.P.U.
- Moreira, M. A. (2011). *Teorias de Aprendizagem: cognitivismo, humanismo, comportamentalismo*. (2 d.). Ed. EPU.
- Oliveira, D. A. (2018). A reestruturação da profissão docente no contexto da nova gestão pública na América Latina. *Revista da FAEBA*. 27 (53), 43-59. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2018.v27.n53.p43-59>. <https://Gestrado.Net.Br/Artigos/A-Reestruturacao-Da-Profissao-Docente-No-Contexto-Da-Nova-Gestao-Publica-Na-America-Latina/>.
- Oliveira, D. A. (2020). Condições de trabalho docente e a defesa da escola pública: fragilidades evidenciadas pela pandemia. *Revista USP*. (127), 27-40. . DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.i127p27-40>.
- Pereira A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free e-book]. Ed. UAB/NTE/UFSM.
- Puente, M. de la. (1978). *O ensino centrado no estudante: renovação e crítica das teorias educacionais de Carl R. Rogers*. Ed.: Cortez & Moraes.
- Rezende, G. D. (2020). *Representações sociais de alunos do curso de psicologia, de uma IES de Uberaba, sobre a concepção humanista nas práticas pedagógicas desenvolvidas por seus professores*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Uberaba, Uberaba, 2020. <http://dspace.uniube.br:8080/jspui/handle/123456789/2254>.
- Rogers, C. (1985). *Liberdade de aprender em nossa década*. Ed. Artes Médicas.
- Rogers, C. (1972). *Liberdade para aprender*. Ed. Interlivros.
- Rogers, C. (1987). *Tornar-se pessoa*. Trad. Manuel J. C. Ferreira. Ed. Martins Fontes.
- Zimring, F. (2010). *Carl Rogers*. Tradução e organização: Marco Antônio Lorieri. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. https://www.santoandre.sp.gov.br/PESQUISA/con_detalhe.asp?ID=110774.